

Maria Carlota ROSA. *Introdução à (Bio)Linguística.
Linguagem e Mente.*
São Paulo SP: Contexto. 2010. 207 pp.
ISBN: 978-85-7244-469-9

João Veloso
jveloso@letras.up.pt
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

0 – Observações preliminares

De todas as ciências, arrisco-me a dizer que a linguística pertence ao grupo daquelas que, no senso comum, são mais desconhecidas ou, no mínimo, menos bem conhecidas.

Esclareço: julgo que, à saída da escolaridade obrigatória, qualquer sujeito escolarizado terá uma ideia minimamente acertada do que são a física, a química, a matemática ou a biologia, para citar apenas alguns exemplos. Mesmo não tendo conhecimentos aprofundados de nenhuma delas, terá noções aproximadas mas adequadas acerca dos seus objetos, dos seus métodos ou do tipo de questões que elas exploram. Em alguns casos, saberá até citar nomes de alguns cientistas mais conhecidos e conseguirá recordar alguns conhecimentos básicos dessas áreas transmitidos pela escola ou por outro qualquer meio de difusão da informação.

Acerca da linguística, porém, atrevo-me a afirmar que a maior parte dos sujeitos escolarizados não terá, à partida, uma ideia minimamente fiel do que são as preocupações, os debates e os conhecimentos fundamentais desenvolvidos neste campo. Penso não errar se disser que todos nós, linguistas, já tivemos de explicar bastantes

vezes a outras pessoas o que fazemos, o que estudamos, aquilo a que procuramos responder, etc.

Para os leigos – e incluo nestes leigos especialistas académicos de outras áreas –, a linguística é frequentemente confundida ora com um saber normativo acerca da língua (o linguista é uma espécie de prontuário ambulante a quem se liga quando se tem uma dificuldade ou uma dúvida: “isto escreve-se assim?”, “está correto dizer isto?”, “é mais correto dizer desta maneira ou daquela?”, “qual é a região do país onde se fala melhor?”), ora com uma especial erudição acerca da etimologia de todas as palavras da língua, ora, finalmente, com profissões muito específicas, como a tradução ou o ensino de línguas (de onde decorre frequentemente a ideia, muito corrente também no senso comum, de que um linguista é necessariamente um poliglota).

A visita a livrarias é exemplificadora das confusões que circulam acerca do objeto, do estatuto epistemológico e das tendências que caracterizam a linguística moderna. Normalmente confinados a áreas como as “ciências sociais e humanas”, os (poucos) livros de linguística oferecidos pela generalidade das livrarias aparecem muitas vezes nas secções dos dicionários, manuais de línguas e gramáticas escolares, ou na de crítica literária, ou, mais recentemente, nos escaparates reservados às ciências da comunicação e ao jornalismo.

Dois fatores (entre outros, possivelmente) concorrem, em minha opinião, para o conhecimento inexato daquilo que são hoje a linguística e o trabalho dos linguistas e para uma certa confusão entre a linguística e outras áreas, como, nomeadamente, a dos estudos literários:

1. ao contrário do que sucede com áreas científicas como as que foram mencionadas no início deste texto, a linguística não corresponde a uma disciplina específica no Ensino Básico e Secundário (onde os alunos convivem, todavia, com disciplinas intituladas *Matemática* ou *Biologia*, por exemplo); alguns dos conteúdos trabalhados pelos linguistas são abordados em aulas de Português/Língua Portuguesa, é certo, mas surgem aí normalmente fundidos com o estudo de outras matérias, nomeadamente literárias ou culturais, e/ou associados ao desenvolvimento explícito de competências comunicativas (orais ou escritas), numa perspetiva muitas vezes vincadamente normativa;

2. o acaso histórico. O estabelecimento da linguística enquanto ciência a partir do *Cours de Linguistique Générale* de Saussure (1915) não teria conhecido os contornos que teve se essa obra não tivesse sido antecedida pelas correntes historicistas do século XIX que concederam, por conveniência ou necessidade metodológica, um relevo muito determinante ao estudo e à fixação dos textos escritos, muitas vezes de caráter literário. Este acaso histórico foi perpetuado, em muitos casos até aos dias de hoje, pelas estruturas universitárias que promoveram (ou continuam a promover) a união da abordagem linguística e da abordagem literária sob estruturas funcionais comuns¹.

Para inverter esta situação, julgo caber aos linguistas um papel muito importante na divulgação junto de um público mais amplo (que inclui, além dos não-acadêmicos, acadêmicos oriundos de outras áreas) daquilo que é a nossa ciência. Tal esforço exige, entre outras afirmações, que distingamos claramente o que é linguística (enquanto estudo da faculdade da linguagem e das estruturas linguísticas resultantes e compatíveis com essa faculdade) daquilo que *não* é linguística (a história da literatura; a curiosidade etimológica; a convenção ortográfica; as técnicas de comunicação; a tradução; o ensino de línguas... – embora alguns destes domínios estabeleçam uma relação especial com a linguística e possam beneficiar, naturalmente, dos conhecimentos trabalhados pelos linguistas). O livro de que aqui me ocupo é um bom exemplo desse envolvimento dos linguistas com atividades e publicações que visem precisamente a demarcação

¹ Um outro fator que contribui para a falta de um conhecimento mais preciso do que é, hoje, a linguística resulta da própria falta de consenso acerca dessa questão entre profissionais que se intitulam linguistas (situação que talvez não se verifique em muitas outras ciências). Os desacordos entre estruturalistas e generativistas, por exemplo, a este respeito são esclarecedores: veja-se o contraste entre o posicionamento *naturalista* dos linguistas generativos como o que se encontra no livro em apreciação nestas notas e afirmações como a seguinte: “Ouve-se por vezes falar da linguagem como de uma faculdade humana [...]. O que não pode dizer-se é que ela resulte do exercício natural de algum órgão, como por exemplo a respiração ou a marcha, que constituem, por assim dizer, a razão de ser dos pulmões e das pernas. [...] Somos assim levados a situar a linguagem entre as instituições humanas, maneira de ver que apresenta inegáveis vantagens: as instituições humanas resultam da vida em sociedade, e o mesmo sucede com a linguagem, que é essencialmente um instrumento de comunicação. [...]” (Martinet 1960: 13).

nítida das fronteiras que tornam o nosso campo de análise uma área definida, com um objeto, objetivos e metodologias próprios.

Entre as várias redefinições epistemológicas estabelecidas pelo programa generativo, a adoção de uma perspectiva *naturalista* – segundo a qual o objeto da linguística é um objeto mental fortemente condicionado pelas possibilidades e limitações biológicas da espécie e intrinsecamente associado a uma capacidade inata, ainda não identificada em qualquer outra espécie, de adquirir uma língua natural segundo padrões que, nos seus aspetos essenciais, se replicam em todas as culturas e grupos sociais – assume uma importância fulcral e contribui para uma delimitação fundamental do nosso campo de análise. Levada ao extremo, esta perspectiva naturalista fez com que o mentor do programa generativo tivesse mesmo proposto a linguística como um ramo da biologia ou da psicologia (Chomsky 1975: 3-4, 36; 1978: 199; 1979: 43, 47-48; 1984: 16; 1986:46; 1988: 1-2, 6) (cf. ainda textos como Raposo (1992: 26), Pinker (1994), Miguens 1997; 1999; 2007: 27-76).

Tomadas em todo o seu alcance, estas proposições aproximam hoje a linguística mais de áreas científicas como a biologia, as ciências da cognição, a lógica, as ciências da computação ou a inteligência artificial do que dos seus parceiros académicos tradicionais, como os estudos literários, a história ou a filologia. Uma tomada de consciência absolutamente inequívoca deste aspeto ajudaria qualquer leigo a perceber melhor o que é hoje esta ciência, em que é que ela se distingue de outras ciências, e levá-lo-ia a perceber melhor o próprio carácter científico da investigação em linguística. Uma vez mais, os pontos de vista adotados e expostos ao longo deste livro, com uma clareza e uma desambiguidade teoricamente bem fundamentadas, contribuem para a correta compreensão desta corrente de pensamento.

1 – Estrutura e conteúdos principais deste livro

As observações em que me alonguei na secção introdutória visam contextualizar melhor a apreciação que de seguida pretendo desenvolver sobre o livro que aqui apresento.

Trata-se de um livro, como pretendo fazer ver, que coloca de forma magistral a linguística no contexto epistemológico naturalista que acima foi referido e que contribui de forma exemplar para a necessidade, que também já mencionei, de os linguistas passarem a envolver-se de forma mais empenhada na divulgação do que é o seu campo científico, desfazendo, em alguns casos, equívocos e ideias desajustadas acerca desta ciência no seu entendimento moderno.

O livro abre com uma lista de abreviaturas (pp. 11-12) e um prefácio (pp. 13-14). Seguem-se seis capítulos, formalmente designados por “partes”: Parte 1 (“O que a linguística estuda?”, pp. 15-47); Parte 2 (“Sobre a faculdade da linguagem”, pp. 49-72); Parte 3 (“Linguagem: Natureza e ambiente”, pp. 73-101); Parte 4 (“A base física da faculdade da linguagem”, pp. 103-131); Parte 5 (“Sobre as línguas”, pp. 133-154); Parte 6 (“Voltando às propostas de línguas primitivas de povos primitivos”, pp. 155-173). Após estes seis capítulos, a obra inclui ainda um “Epílogo” (pp. 175-176), um “Glossário” (pp. 177-179) e um capítulo de síntese final intitulado “Para estudo e revisão” (pp. 181-192). Finalizam o volume a bibliografia (pp. 193-203), o índice (pp. 205-206) e uma lista das fontes onde foram colhidas as imagens apresentadas ao longo do livro (“Créditos das imagens”, p. 207).

Cada um dos capítulos centrais da obra subdivide-se em secções de texto não numeradas, que me dispense de aqui inventariar, e que percorrem tópicos tão distintos como, a título de exemplo e entre outros, a dualidade mente-corpo (cap. 1), a problematização dos conceitos de língua e linguagem e da centralidade da língua-l na descrição linguística (*ibid.*), a discussão dos indícios de que o linguista se serve para alcançar a caracterização do “estado da mente” (Chomsky 1986) que constitui o seu objeto de estudo (*ibid.*), a especificidade da linguagem como caracterizadora exclusiva do *Homo sapiens sapiens* (cap. 2), a interação *nature-nurture* e a questão do período crítico na aquisição e desenvolvimento da linguagem (cap. 3), a relação entre as propriedades biológicas e anatómicas da espécie humana e a faculdade da linguagem (cap. 4) e a questão da parametrização das várias gramáticas particulares e dos limites à variação observada através de restrições universais (cap. 6).

Deste breve bosquejo pelos temas contemplados ao longo do livro, depreendemos que o posicionamento teórico da autora coincide

com o paradigma *naturalista* que identifiquei na primeira parte destas notas.

Esse posicionamento é, de resto, assumido explicitamente pela autora em passagens como as seguintes:

“A Linguística estuda a linguagem. Como vários dos termos empregados na Linguística, *linguagem*, o objeto da disciplina, tem uso também no dia a dia. *Linguagem*, para a Linguística, é sempre singular, porque refere uma faculdade humana. Como tal, está radicada na mente/cérebro. Nessa perspectiva (que será aquela aqui adotada), a Linguística é uma ciência cognitiva.”

(p. 15)

“Considerar a linguagem uma faculdade humana e não um fenômeno social significa focalizá-la como um fenômeno psicológico/biológico. Uma faculdade mental ou uma faculdade da mente pode ser compreendida como uma estrutura funcional da mente/cérebro. A faculdade da linguagem deriva de estruturas especializadas para as funções relativas à linguagem. É comum numa Linguística que se vê como parte da Biologia a referência à faculdade da linguagem como o *órgão da linguagem*, sem localização precisa, por analogia com as funções exercidas por órgãos específicos do organismo humano.

A *faculdade da linguagem*, com que todos os seres humanos nascem, designa a representação do conhecimento linguístico na mente. Ao nascer um indivíduo tem esse conhecimento em nível mínimo. É o estágio inicial (ou E_0), também denominado *gramática universal* (GU), a base inata que tornará possível o desenvolvimento de qualquer língua.”

(p. 54)

Conceber assim o objeto da linguística como um objeto intrinsecamente *natural* implicará conceber a linguística também como uma ciência próxima das ciências naturais. Esta opção teórica explicará porventura a associação terminológica sugerida pela grafia “(Bio)Linguística” que ocorre no título do livro e que torna o estudo linguístico – pelo menos no que diz respeito a uma teoria da linguagem e a uma teoria da linguística – de certo modo equivalente do estudo “biolinguístico”. Ressalte-se que esta posição se coaduna com os pressupostos subscritos por Boeckx & Grohmann (2007) na apresentação programática da revista *Biolinguistics* ao afirmarem, por exemplo, que “language can, and should, be studied like any other attribute of our species, and more specifically, as an organ of the mind/brain” (Boeckx & Grohmann 2007: 1).

2 – Alcance e mérito deste livro

O leitor desta obra, mesmo que não subscreva total ou parcialmente os pontos de vista nela encontrados, ampliará sem dúvida o conhecimento previamente detido acerca das matérias versadas. Concomitantemente, ganhará uma consciência sólida das tendências mais determinantes da linguística contemporânea e dos fundamentos que lhes deram origem. O mérito principal da leitura deste livro, no entanto, encontrar-se-á na possibilidade de se poderem desfazer muitos equívocos ou ambiguidades sobre a natureza e o posicionamento epistemológico desta disciplina de acordo com a orientação teórica que é perfilhada pela autora.

É nesse sentido que considero o livro em análise uma fonte de indiscutível valor para quem pretenda formar uma ideia correta e atualizada do que é a linguística resultante da “revolução chomskyana” e cada vez mais próxima de disciplinas da área das ciências formais e naturais. Acresce a esta observação o mérito suplementar de, sendo uma obra escrita originalmente em português, tornar mais acessível ao público lusófono um conjunto importante de informações e conhecimentos imprescindíveis para se perceber em que é que consiste tal abordagem.

A obra, segundo se depreende do prefácio, destina-se a ser um material de apoio para estudantes universitários de Linguística. Este objetivo explica a organização sequencial dos vários assuntos focados, o estilo informativo adotado na exposição, a profusão de material visual e documental, as caixas de texto, bem como as súmulas e os exercícios que se sucedem aos vários capítulos e subcapítulos.

A clareza da exposição emparelha com a quantidade e o rigor de todos os conteúdos apresentados. O glossário final, além de permitir uma definição não-ambígua de todos os termos utilizados ao longo de todo o texto, auxiliando a assimilação dos pontos de vista explorados, presta-se a ser usado como um instrumento de trabalho muito útil.

A bibliografia apresentada no final (pp. 193-203) reúne uma lista exhaustiva, completa e diversificada de títulos que, por um lado, ilustra a sólida fundamentação da autora na preparação deste trabalho e, por outro, se oferece como um outro instrumento de trabalho precioso

para os leitores que pretendam alargar e aprofundar os ensinamentos colhidos neste livro.

A meu ver, todas estas características fazem do livro um excelente manual universitário de introdução à linguística (que passará a constar de todas as bibliografias que apresentarei futuramente aos meus estudantes) e fazem-nos adivinhar na autora uma brilhante professora de Linguística, confirmando qualidades da sua escrita que já referi numa recensão anterior, nesta mesma revista, a propósito do seu manual *Introdução à Morfologia* (Rosa 2006)².

Estamos, em suma, na presença de um livro muito meritório, útil e acessível a um público mais lato do que o público estudantil inicialmente presente nos objetivos da autora e que, conforme pretendo aqui realçar, pode contribuir de forma decisiva para o apagamento de certas ideias e apreciações imprecisas acerca da nossa área de estudos.

REFERÊNCIAS

- Boeckx, C; Grohmann, K. K. 2007. The *Biolinguistics* Manifesto. *Biolinguistics*. **1**: 1-8.
- Chomsky, N. 1975. *Reflections on Language*. New York: Pantheon.
- Chomsky, N. 1978. On the Biological Basis of Language Capacities. In: G. A. Miller, E. Lenneberg (Eds.). *Psychology and Biology of Language and Thought. Essays in Honor of Eric Lenneberg*. New York: Academic Press, 199-220.
- Chomsky, N. 1979 [trad. ing. de J. Viertel]. *Language and Responsibility (Based on conversations with Mitsou Ronat)*. Sussex: The Harvester Press.
- Chomsky, N. 1984 [trad. port. de F. Xavier]. Linguagem. *Enciclopédia Einaudi – Vol. 2: Linguagem-Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11-56.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger. Trad. port. de A. Gonçalves e A. T. Alves: *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- Chomsky, N. 1988. *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Johnson-Laird, P. N. 1983. *Mental Models. Towards a Cognitive Science of Language, Inference, and Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press
- Martinet, A. 1960. *Eléments de Linguistique Générale*. Paris: Armand Colin. Trad. port. de J. M. Barbosa: *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Sá da Costa, 10ª ed., 1985.

² Cf. Veloso (2007).

- Miguens, S. 1997. As Ciências Cognitivas e a Naturalização do Simbólico. A mente computacional e a mente fenomenológica. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Filosofia*. **14**: 385-427.
- Miguens, S. 1999. Linguistas e Filósofos: Maneiras de Fazer Teoria da Mente. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Filosofia*. **15-16**: 327-365.
- Miguens, S. 2007. *Filosofia da linguagem. Uma introdução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pinker, S. 1994. *The Language Instinct*. London: Penguin.
- Raposo, E. P. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Rosa, M. C. 2006. *Introdução à Morfologia*. São Paulo SP: Contexto.
- Saussure, F. 1915. *Cours de Linguistique Générale*. Edition critique préparée par Tullio de Mauro: Paris, Payot, 1980.
- Veloso, J. 2007. Recensão crítica de: Maria Carlota Rosa. *Introdução à Morfologia*. São Paulo SP: Contexto. 2006. 157 pp. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. **2(1)**: 127-132.